



***DEODORO***  
**Encouraçado**

**Incorporação:** 20 de junho de 1898.

**Baixa:** 29 de abril de 1924.



(Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

Encouraçado guarda-costas, da mesma classe que o *Floriano*, construído nos Estaleiros *Forges et Chantiers*, em Toulon, França, sob a supervisão da comissão fiscalizadora chefiada pelo Almirante José Cândido Guillobel. Foi lançado ao mar em 20 de junho de 1898, quando passou por mostra de armamento e foi incorporado a Marinha do Brasil. Entretanto, antes de sua incorporação à Armada, foi denominado *Ipiranga*, por meio de Aviso Ministerial de 16 de janeiro de 1896, o qual foi anulado por outro Aviso Ministerial, de 12 de dezembro do mesmo ano, passando a se chamar *Deodoro*.



Primeiro navio da Marinha a ostentar o nome *Deodoro*, em homenagem ao Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892), proclamador da República do Brasil.

Disponha das seguintes características: deslocamento normal de 3.162,5 t e de 3.350,5 t à plena carga; 81,50 m de comprimento entre perpendiculares, 83,60 m de comprimento total, 70,0 m de comprimento de quilha, 14,60 m de boca moldada, 14,40 m de boca máxima na linha de flutuação, 6,90 m de pontal, 4,0 m de calado avante e 4,40 m de calado à ré.

O *Deodoro* era construído em aço, dividido em 17 compartimentos estanques, protegidos por uma cinta couraçada de aço níquel, de popa a proa, elevando-se a 70 cm da linha de flutuação e descendo a um metro abaixo dela, cuja espessura variava entre 350 mm a meio navio e 150 mm nas extremidades, de proa a popa. A couraça era assentada sobre suportes de 120 mm nas partes altas e 100 mm nas partes baixas, e um sistema de cofferdam completava a defesa lateral do casco. Os blockhaus e superestruturas tinham uma proteção de 100 mm, enquanto o convés couraçado era formado por dois planos de chapas superpostas com a espessura total de 36 mm na parte correspondente às caldeiras e máquinas, e de 30 a 35 mm nas regiões situadas à vante e à ré.

Possuía duplo fundo, servindo de tanques de lastro e de suprimento d'água para as caldeiras. Tinha dois mastros, uma chaminé e seis carvoeiras com capacidade para 250 toneladas de combustível sólido, as quais ficavam dispostas nos dois bordos e à vante das caldeiras. O navio possuía ainda dois holofotes, Sautter Harlé de 600 mm e 16.000 velas, montados nas plataformas dos mastros e comandados à distância. Disponha ainda de uma lancha a remos e de seis escaleres.

A propulsão era dada por duas máquinas a vapor de tríplice expansão e cilindros invertidos, que despejavam uma potência total de 3.400 HP, acionando dois hélices de quatro pás com 3,20 m de diâmetro, que alcançava uma velocidade máxima aproximada de 15 nós. Contava com oito caldeiras aquatubulares, Lagrafel d' Allest, divididas em quatro grupos; dois destiladores Card Rayner com capacidade para 8000 l de água por dia; dois vaporizadores com capacidade para 250 l por hora; dois condensadores de superfície Sautter Harlé; 16 tanques de aguada, com capacidade total de 16000 l, seis à vante e dez à ré e ainda



seis tanques de reserva, com capacidade para 139000 l, dispostos dois à vante, dois a meio navio e dois à ré.

A energia elétrica era produzida por quatro dínamos Compound, Sautter Harlé, 400 amperes, 80 v, sendo um de reserva, movidos por motor a pilão, a vapor, dois cilindros, Sautter Harlé. Já a ventilação natural provinha de oito ventiladores sendo seis mecânicos a vapor e dois elétricos, servindo aos compartimentos habitáveis, aos dez paióis de munição e ao paiol de mantimentos.

Em relação ao armamento, cabe destacar os seguintes sistemas e armas dos quais dispunha. Um telêmetro Hurlimann com 7.000 m de alcance máximo, dois canhões Armstrong de 240 mm dispostos em torretas elípticas, movidas eletricamente, com blindagens de 200 mm de espessura, uma à vante e outra à ré. Dispunha de quatro canhões de tiro rápido, Armstrong de 120 mm, montados em reparos hidráulicos de pedestal em redutos barbetas, manobrados manualmente, dispostos nas saliências do costado do convés superior, dois à vante e dois à ré, protegidos por uma couraça vertical de 52 mm de espessura, aplicada diretamente sobre um duplo chapeamento de placas de 10 mm de espessura cada uma, e por escudos circulares de 100 mm de espessura. Possuía seis canhões de tiro rápido, Maxim Nordenfelt de 57 mm, montados sobre reparos navais, na superestrutura, dois canhões Nordenfelt de 31 mm, sobre reparos navais no passadiço, dois canhões automáticos Vickers, montados nas plataformas dos mastros. Tinha uma metralhadora Hotchkiss de 7 mm, dois tubos submersos Armstrong de 47 mm para lançamento de torpedos Whitehead BR20 por disparo elétrico da torre de comando com ar comprimido fornecido por duas máquinas Thirion.

As comunicações eram realizadas através da rede de tubos acústicos, internamente, e dispunha ainda de telegrafia sem fio do sistema Telefunken, recepção alterada para Marconi, alimentado por baterias de 40 v, alcance máximo de 40 milhas, e dois aparelhos Scott para comunicações visuais situados no passadiço.

Consta do Relatório do Ministro da Marinha do ano de 1899 que já nesse ano o *Deodoro* se encontrava no Porto do Rio de Janeiro, sob o comando do Capitão de Fragata



João Batista das Neves, que, em 1910, no posto de Capitão de Mar e Guerra e ao comando do Encouraçado *Minas Gerais*, seria assassinado por revoltosos a bordo desse navio durante os desdobramentos da “Revolta da Chibata”.

Em 2 de janeiro de 1901 por meio do Aviso Ministerial nº 6, passou a compor a recém-criada Segunda Divisão Naval, comandada pelo Contra-Almirante João Justino de Proença. Suspendendo em Divisão, no dia 27 daquele mês, rumo às águas de Ilha Grande (RJ) e Angra dos Reis (RJ), junto ao Encouraçado *Aquidabã* (capitânia) e ao Cruzador Torpedeiro *Tymbira*, para evoluções e exercícios navais. Regressando a 13 de março desse ano ao Porto do Rio de Janeiro. Por meio do Aviso nº 487 de 28 de maio que reorganizou a Força Naval na capital da República foi designado para integrar a Primeira Divisão Naval. Em novembro desse ano, como parte das comemorações pelo 12º aniversário da Proclamação da República, passou a integrar a Esquadra de Evoluções, cujo Comandante em Chefe era o Almirante Eduardo Wandenkolk, compondo sua Primeira Divisão, junto ao Cruzador *Barroso* e ao seu “irmão”, Encouraçado *Floriano*, suspendendo na manhã do dia 14 desse mesmo mês.

Em abril de 1902, por meio do Aviso nº 466, do dia 30 daquele mês, que extinguiu as Divisões Navais e conferiu nova organização às Forças estabelecidas no Rio de Janeiro, passou a compor a Divisão de Encouraçados, que seguiu sob o comando do Contra-Almirante João Justino de Proença. Nesse ano, ainda comandado pelo Capitão de Fragata João Batista das Neves, realizou diversas comissões para a realização de evoluções e exercícios navais, principalmente em águas de Angra dos Reis e Ilha Grande.

No dia 27 de novembro de 1902 suspendeu do Rio de Janeiro para a Bahia a fim de realizar comissão especial para transporte do cadáver do Dr. Manoel Victorino Pereira – Vice-Presidente da República durante o mandato do Presidente Prudente de Moraes (1894-1898) – chegando à Salvador (BA) no dia 1º de dezembro.

De volta ao Rio de Janeiro, suspendeu no dia 27 de janeiro de 1903 para Santos (SP), onde apoiou a Capitania dos Portos na execução do sorteio dos indivíduos matriculados para o preenchimento de vagas nos Corpos de Marinha. Ao fim dessa comissão, o Deodoro regressou à capital com três sorteados e 41 voluntários para o serviço da Armada. Ainda



nesse ano, foi submetido a diversos reparos conduzidos pelas oficinas do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ).

Em 1904, sob o comando do Capitão de Mar e Guerra Francisco Marques Pereira Souza, suspendeu em 2 de outubro para Buenos Aires – Argentina, com escala em Montevideu – Uruguai, em comissão de representação para a posse do Presidente da República Argentina, de onde regressou no dia 4 de novembro do mesmo ano. Nesse mesmo mês, ainda teve importante participação na mobilização para debelar o movimento revoltoso, na noite do dia 14, que tinha como centro a Escola Militar da Praia Vermelha. No contexto da revolta popular contrária à aplicação da lei que implementava a vacinação obrigatória da população, conhecida como “Revolta da Vacina”, que se espalhou por diversas localidades da Capital.

Em 1905 esteve em representação em Buenos Aires e a 27 de março de 1906 regressou de Santa Catarina junto à Segunda Divisão, composta pelo Encouraçado *Floriano* e pelo Cruzador Torpedeiro *Tupy*. Passou a integrar, oficialmente essa Divisão Naval em 17 de novembro desse ano, por meio do Aviso Ministerial nº 1797. Em 22 de janeiro de 1907 suspendeu em Divisão comandada pelo Contra-Almirante José Porfírio de Souza Lobo, tocando Angra, Santos, Vila Bela e Santa Catarina regressando ao Rio de Janeiro em 30 de março de 1907. Logo, em 15 de julho desse ano suspendeu em Divisão comandada pelo Contra-Almirante Antônio Alves Câmara, com destino às águas do Sudeste e Nordeste, entre as quais: Cabo Frio, Vitória, Macaé, Abrolhos, Natal e Recife. De onde retornou ao porto do Rio de Janeiro em 27 de setembro desse ano. No ano seguinte o *Deodoro* realizou diversas comissões de curta duração pelas águas do Sudeste, visitando diferentes portos, entre os quais destacam-se: Ilha Grande, Angra dos Reis, Paraty, Ubatuba, Cabo Frio, Búzios, Vitória, Marambaia e Itacurussá.

O ano de 1910 foi marcado pelo levante de marinheiros da Armada, conhecida como “Revolta da Chibata”. Movimento esse que envolveu, essencialmente, as guarnições dos recém-adquiridos Encouraçados *São Paulo* e *Minas Gerais* – que figuravam então entre as mais poderosas belonaves do mundo – o Cruzador *Bahia*, além do próprio Encouraçado



*Deodoro*. Naquela ocasião, na noite do dia 22 de novembro, amotinaram-se as supramencionadas guarnições, em cujo quadro se deu a morte de alguns militares em decorrência dos enfrentamentos a bordo nos navios sublevados, com destaque, como já mencionado, para a morte do comandante do Encouraçado *Minas Gerais*, o Capitão de Mar e Guerra João Batista das Neves, quando regressou ao seu navio, após participar de um banquete a bordo do Cruzador francês *Duguay-Troin* junto a outros oficiais do Encouraçado *Minas Gerais*.

O *Deodoro*, junto às outras belonaves sublevadas, evoluiu pelas águas da Baía da Guanabara e figurou como integrante de uma poderosa força oponente às demais unidades que se mobilizavam, por ordem da alta administração naval, para conter aquela revolta. Deixando a Baía da Guanabara no dia 24 e regressando no dia 25, já com a anistia em andamento no meio político, ainda no dia 26 sua guarnição aceitou os termos para desmobilizar o levante. E, logo no dia seguinte, a revolta se deu por completamente encerrada, com o total reestabelecimento da ordem e da normalidade a bordo dos navios da Armada. Entretanto, logo no dia 9 de dezembro, novamente a instabilidade toma conta da Força Naval, dessa vez levantaram-se, inicialmente, as guarnições do Cruzador *Rio Grande do Sul* e do Batalhão Naval, este último situado na Ilha das Cobras, e logo na sequência parte das guarnições do *São Paulo*, *Minas Gerais* e também do *Deodoro*. Situação que somente no dia 12 desse mês estaria controlada.

No ano de 1912, em situação de reserva e, tendo em vista o art. 3 do Decreto nº 9.241 de 23 de dezembro de 1911 com sua tripulação significativamente reduzida. Permaneceu atracado no AMRJ para reparos e, por ordem do então Ministro da Marinha Almirante Manoel Ignácio Belfort Vieira foi empregado como escola para praças especialistas. No ano seguinte suspendeu apenas no dia 28 de setembro, para exercícios na Ilha de São Sebastião, regressando ao Rio de Janeiro no dia 4 de outubro. Em janeiro de 1914 suspendeu com a Esquadra para exercícios e regressou à Capital na segunda quinzena de fevereiro. No ano seguinte, de 22 de fevereiro a 14 de abril, realizou comissão para o porto de São Francisco do Sul (SC), junto ao Encouraçado *Floriano* e ao Cruzador *Barroso*. Ocasão em que estiveram



embarcados alunos da Escola Naval. No dia 11 de setembro do mesmo ano, suspendeu do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul a fim de transportar o corpo do falecido senador Pinheiro Machado, assassinado no dia 8 daquele mês, na Capital.

Em 1917, no contexto das hostilidades da Primeira Guerra Mundial, foram extintas as três antigas Divisões Navais e criadas as Divisões do Norte, Centro e Sul, com o intuito de melhor estruturar os patrulhamentos nas águas litorâneas do Brasil. O *Deodoro*, por meio do Aviso nº 2.781, de 25 de junho, foi designado para integrar a Divisão Naval do Norte, junto ao *Floriano*, aos Cruzadores *República* e *Tiradentes*; aos Contratorpedeiros *Piauí* e *Santa Catarina*; além da Flotilha do Amazonas. Nesse quadro, permaneceu em serviço de neutralidade nas águas do Norte e Nordeste do país de fevereiro de 1917 – quando suspendeu do Rio de Janeiro na condição de capitânia, sob a insígnia do Contra-Almirante Antônio Júlio de Oliveira Sampaio – até 25 de junho de 1919, quando foi então desligado da Divisão Naval do Norte por meio do Aviso Ministerial nº 3.053. Cabe destacar que, durante o ano de 1918, por ocasião do surto de gripe espanhola, 110 militares da tripulação foram acometidos da moléstia em Recife, não havendo nenhum óbito.

No ano de 1920, mesmo já considerado envelhecido e com características militares muito díspares em relação aos Encouraçados *Minas Gerais* e *São Paulo*, segundo o próprio relatório desse ano do Ministro da Marinha Joaquim Ferreira Chaves. Suspendeu a 17 de agosto para representar o Brasil em Montevideú durante os festejos do dia 25 daquele mês, regressando a Capital em 16 de setembro do mesmo ano. No ano seguinte, suspendeu do Rio de Janeiro a 19 de janeiro em viagem de instrução para Aspirantes e Guarda-Marinhas, além de alunos da Escola de Oficiais Marinheiros. Na ocasião navegou pelas águas dos litorais Sul e Sudeste do país, realizando diferentes evoluções e exercícios navais, regressando ao porto da Capital no dia 31 de março.

Nos anos de 1922 e 1923 permaneceu quase todo tempo em sucessivos reparos. Até que, em abril de 1924, por meio do Aviso Ministerial nº 1.816, publicado em Ordem do Dia nº 29 desse mês, o *Deodoro* teve sua baixa na Marinha do Brasil. Foi então vendido ao governo do México por 8.000 contos de Réis, onde foi batizado como *Anahuac* e passou a



integrar a Força Naval daquele país. A cerimônia de passagem do navio às autoridades mexicanas, realizada no dique “Toque-Toque”, pertencente à Companhia de Comércio e Navegação – situado na localidade assim denominada, na Enseada da Armação, cidade de Niterói-RJ – onde se encontrava, ocorreu em duas etapas. A primeira no dia 16 de abril, quando o Embaixador Mexicano Sr. Torre Díaz e parte da nova tripulação mexicana receberam oficialmente a embarcação dos Capitães de Mar e Guerra Arnaldo Siqueira Pinto da Luz e Álvaro Nunes de Carvalho, representante o Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar, e subchefe do Estado-Maior da Armada, respectivamente. Sendo realizada ainda uma segunda cerimônia, solene, também no “Toque-Toque”, no dia 29 do mesmo mês, quando foi hasteada a bandeira mexicana no navio.

O valor recebido pela venda do *Deodoro* foi utilizado para a aquisição do Submarino de Esquadra *Humaitá*, o qual custou 12.500 contos de Réis e foi encomendado ao estaleiro italiano Odero-Terni.